

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

MARIANA VINICIUS DA SILVA FASSINA

**A NOTA DE RODAPÉ COMO RECURSO NA CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-
HISTÓRICA E CULTURAL NA TRADUÇÃO: UM ESTUDO NA OBRA *VIAGEM
SOLITÁRIA***

CAMPINAS

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE LETRAS: PORTUGUÊS/INGLÊS – BACHARELADO
MARIANA VINICIUS DA SILVA FASSINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras: Português/Inglês – Bacharelado, da Escola de Linguagem e Comunicação da Escola de Linguagem e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Righi de Andrade

CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizziolli Pires CRB 8/6920
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

418.02 F249n Fassina, Mariana Vinicius da Silva

Nota de rodapé como recurso na contextualização sócio-histórica e cultural na tradução: um estudo na obra Viagem solitária / Mariana Vinicius da Silva Fassina. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.

21 f.

Orientador: Eliane Righi de Andrade.

TCC (Bacharelado em Letras) - Faculdade de Letras, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.
Inclui bibliografia.

1. Tradução e interpretação. 2. Notas de rodapé. 3. Autobiografia. I. Andrade, Eliane Righi de. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e Comunicação. Faculdade de Letras. III. Título.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE LETRAS: PORTUGUÊS/INGLÊS – BACHARELADO
MARIANA VINICIUS DA SILVA FASSINA

**A NOTA DE RODAPÉ COMO RECURSO NA CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-
HISTÓRICA E CULTURAL NA TRADUÇÃO: UM ESTUDO NA OBRA *VIAGEM
SOLITÁRIA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras da Escola de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de Bacharel.



Profa. Dra. Eliane Righi de Andrade
Orientadora



Profa. Dra. Gabriela Strafacci Orosco
Banca examinadora

CAMPINAS

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Profa. Dra. Eliane Righi de Andrade, nossa orientadora, por toda sua paciência, encorajamento, dedicação e incentivo. Sua paixão genuína pela nossa área me inspira constantemente! Obrigada por me guiar durante esse processo e pelo seu entusiasmo com a pesquisa.

À Profa. Dra. Gabriela Strafacci Orosco, pela sua disponibilidade em fazer parte da banca examinadora, pela sua didática exemplar e por sempre trazer à tona o entusiasmo de seus alunos através de suas aulas e discussões em sala, lembretes das razões pelas quais escolhemos esse curso e nosso amor por Letras.

À minha família, pelo seu amor, apoio e constante incentivo. Mãe, por ter me guiado, encorajado e amparado durante todos esses anos de universidade: agradeço de todo o coração. Espero conseguir sempre retribuir todo o amor e carinho que você me passa em dobro. Te amo.

À Marina — Nina: sem você, jamais teria aguentado tantas noites de pesquisa passadas em claro. Obrigada pelos sorrisos durante tempos difíceis, por todo seu carinho e confiança, sempre. “*You got me*, 난 너를 보며 꿈을 꺾 / *I got you*, 칠흑 같던 밤들 속 / 서로가 본 서로의 빛, / 같은 말을 하고 있었던 거야 우린 / 가장 깊은 밤에 더 빛나는 별빛”
(방탄소년단/BTS, 2019).

RESUMO

O presente artigo discute o uso de elementos paratextuais na tradução para adição de contextualizações sócio-históricas e culturais, a fim de auxiliar o leitor em sua interpretação e trazer aspectos estrangeirizadores em traduções para a língua inglesa. O objeto de estudo escolhido é *Viagem Solitária* (2011), uma autobiografia de João W. Nery, que detalha sua vida como trans-homem desde a infância até a vida adulta, incluindo sua transição durante a ditadura militar brasileira. Através de três recortes da obra, foram elaboradas possíveis traduções e notas de rodapé para cada, considerando e mantendo os elementos característicos do português brasileiro, linguagem coloquial e o contexto sócio-histórico e cultural nas épocas narradas.

Palavras-chave: notas de rodapé; paratextualidade; autobiografia.

ABSTRACT

This article discusses the role of paratextual elements in translation as a means to aid readers in their interpretation by providing additional contextualization on sociohistorical and cultural aspects, bringing forth the concept of foreignization. *Viagem Solitária* (2011), an autobiography written by João W. Nery, was chosen as a study case object, since the book delves into Nery's life, depicting his experience as a transman during the Brazilian military dictatorship. Three excerpts were chosen and translated to exemplify the usage of footnotes in a way that intentionally brought up Brazilian Portuguese linguistic elements, the country's historical context and other colloquial linguistic aspects in a foreignizing approach to translating other languages into English.

Keywords: Footnotes; paratextuality; autobiography.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E ASPECTOS METODOLÓGICOS	1
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	3
2.1. O gênero autobiográfico	3
2.2. Construção de sentidos e fidelidade	5
2.3. Notas de rodapé como recurso paratextual	6
2.4. A questão minorizante.....	7
3. RECORTES E SUGESTÕES DE TRADUÇÃO.....	10
4. CONCLUSÕES.....	12
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	13

1. INTRODUÇÃO E ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo tem por objetivo discutir de quais maneiras recursos paratextuais, como notas de rodapé e prefácios, poderiam ser utilizados na tradução para proporcionar uma melhor compreensão e adicionar contextualizações a determinados gêneros textuais, principalmente literários.

O estudo foi pensado a partir da hipótese de como seria realizada uma tradução do livro *Viagem Solitária* (2011) de João W. Nery para a língua inglesa, trazendo sugestões de tradução de alguns trechos por parte da estudante-pesquisadora em que tais elementos paratextuais, especialmente as notas de rodapé, pudessem agregar informação ao contexto vivido pelo narrador. A obra se trata de uma autobiografia e foi escolhida como exemplo para tratar da importância da paratextualidade nas traduções de textos que têm um teor bastante singular, como é o caso, já que se trata de uma autonarrativa de um trans-homem, cuja experiência de vida em certa clandestinidade, por conta da identidade de gênero, se cruza com a ditadura militar brasileira.

Nery foi um autor e ativista LGBTQIA+ pioneiro, conhecido por ter sido um dos primeiros trans-homens brasileiros a realizar cirurgia de redesignação de sexo. Sua transição ocorreu, em maior parte, durante a ditadura militar brasileira, entre 1964 e 1985, de maneira clandestina. A obra detalha sua jornada como trans-homem, ativista e acadêmico, desde sua infância até o início da velhice.

A escolha do livro para pensar a tradução e a realização do artigo foram motivadas pela relevância do tópico no âmbito social: a contemporaneidade da história e da cultura LGBTQIA+ brasileiras no meio acadêmico e a amplificação das vozes de pessoas trans. O conhecimento dos pioneiros e figuras importantes na comunidade LGBTQIA+ brasileira, por parte de seus integrantes contemporâneos, é primordial, principalmente por vivenciarmos um aumento de vozes conservadoras e a marginalização de grupos minoritários em nossa comunidade. É também relevante o estudo tratar de uma obra autobiográfica, pensando no papel de um tradutor ao trabalhar com esse gênero literário e suas especificidades.

Para a elaboração do artigo, foi realizada uma pesquisa qualitativa na forma de um estudo de caso, através de um levantamento bibliográfico, envolvendo tópicos

diversos que serão descritos adiante, e posterior análise. O método de pesquisa qualitativa, de acordo com Moreira (2002), apresenta um foco na interpretação, subjetividade, entendimento de determinado objeto de estudo e teorias relacionadas, preocupando-se com o contexto ao redor do tema e conduzindo a pesquisa com uma certa flexibilidade. Estudos de caso, especificamente, foram definidos por Yin (1989, p. 23, *apud* GODOY, 1995, p. 25.) como:

Uma forma de se fazer pesquisa empírica que investiga fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto de vida real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas, onde se utiliza múltiplas fontes de evidência.

No presente estudo de caso, uma das questões abordadas no seu desenvolvimento diz respeito ao papel do tradutor na propagação de uma história tão significativa e marcante para um público distinto, originalmente escrita no português brasileiro, de modo a preservar ao máximo as características principais do texto autobiográfico. Notas de rodapé e prefácios seriam formas de facilitar a comunicação entre o autor e seus leitores, auxiliando o leitor na sua interpretação, seja pela inserção de informações complementares, ou pelo fornecimento de contextualizações socioculturais e históricas.

Pensando em uma tradução de *Viagem Solitária* (2011) para a língua inglesa, é possível demonstrar quais aspectos acerca da vida do autor e de suas experiências seriam melhor compreendidos, caso tal tradução contivesse notas de rodapé ou um prefácio, redigidos por um tradutor nativo brasileiro.

Por partir de uma interferência ativa do tradutor no seu trabalho, serão discutidos as teorias e pensamentos sobre estrangeirização e domesticação, traduções minorizantes — que desafiam a hegemonia da língua inglesa e deixam claro aos leitores falantes da mesma que se trata de um texto traduzido — (VENUTI, 2019¹; 1995) e a visibilidade do tradutor em seus trabalhos (BOHUNOVSKY, 2001; ARROJO 1993). Lejeune (2014) e Arfuch (2011) serão referenciadas durante as discussões do gênero autobiográfico, possibilitando uma análise sobre como todos os tópicos acima mencionados se interrelacionam na prática tradutória.

¹ Edição utilizada do livro *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*, cuja primeira edição traduzida para o português é de 1998.

A escolha, também, para este trabalho, de realizar um trecho da tradução, de certa forma, estrangeirizada (sem uma intervenção do tradutor no corpo do texto, mas ainda, assim, presente na obra) foi feita a fim de manter as características do português brasileiro, como, por exemplo, com a adição de notas de rodapé informando o uso de artigos femininos para tratamento de Nery ou a definição de termos derogatórios que foram mantidos em português. Os tópicos envolvem tanto a visibilidade do tradutor quanto às questões de tradução minorizante. Por ser uma obra autobiográfica, existe a questão também de facilitar a identificação do leitor com o “eu” narrado, preservando o texto em si, mas inevitavelmente tornando o tradutor visível.

Trazer aspectos da língua e cultura brasileiras para o texto de chegada desafia a hegemonia da língua inglesa, também ampliando a representação do estrangeiro e conscientizando o leitor sobre a história do Brasil. Entendemos que uma tradução minorizante traga informações relevantes para a compreensão do texto, tanto auxiliando o leitor como se certificando de que a cultura e os contextos sócio-históricos não sejam apagados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O gênero autobiográfico

Philippe Lejeune, em seu livro *O Pacto Autobiográfico* (2014, p. 16), define autobiografia como “um relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência”. Na mesma obra, Lejeune diz o seguinte sobre diários e textos autobiográficos:

É fascinante transformar-se em palavras e frases e inverter a relação que se tem com a vida ao se auto engendrar. Um caderno no qual nos contamos - ou folhas que mandamos encadernar - é *uma espécie de corpo simbólico que, ao contrário do corpo real, sobreviverá* (LEJEUNE, 2014, p. 264). (Grifo nosso).

Foi, também, com esse tipo de pensamento que *Viagem Solitária* (2011) se tornou objeto de estudo do presente artigo. Mesmo anos depois de seu falecimento em 2018, João W. Nery continua inspirando milhares de jovens LGBTQIA+ brasileiros. Vários referem-se a ele como um pai, uma pessoa que os guiou em seus processos de transição, no próprio questionamento de identidade de gênero e sexualidade. Seu

percurso não foi de modo algum fácil, mas pavimentou o caminho para a comunidade trans atual.

Viagem Solitária proporciona um *insight* de suma importância para o estudo da história brasileira: a perspectiva de um trans-homem, cuja identidade era praticamente criminalizada durante a ditadura militar brasileira. Enxergamos pelos seus olhos, aos 14 anos de idade, o exílio de seu pai, as dificuldades que Nery e sua família sofreram a partir disso, financeira e emocionalmente, além dos diversos obstáculos que enfrentou durante sua adolescência até a fase adulta, tanto os procedimentos médicos que precisou realizar de maneira clandestina, arriscando sua vida e liberdade, quanto o estigma social e conflitos com sua família e pessoas próximas.

Todos os elementos mencionados acima constroem uma história de vida peculiar, que deveria alcançar um público maior, além do brasileiro. É um encapsulamento de como era viver durante a ditadura militar brasileira, suas consequências imediatas e no decorrer da história.

Arfuch (2011, p. 100) explica a importância que um texto de gênero autobiográfico pode conter da seguinte forma:

[...] toda biografia ou relato da experiência é, num ponto, coletivo, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade. É essa a qualidade coletiva, como marca impressa na singularidade, que torna relevantes as histórias de vida, tanto nas formas literárias tradicionais quanto nas midiáticas e nas das ciências sociais.

Partindo de uma perspectiva tradutória, é possível afirmar que os contextos sociopolíticos, históricos e culturais de *Viagem Solitária* (2011), assim como algumas especificidades do português brasileiro, são profundamente interligados e vitais para a compreensão da obra por um leitor estrangeiro. Para preservar estes aspectos e fornecer quaisquer informações necessárias, sem interromper a imersão do leitor, o uso de elementos paratextuais pode ser uma solução, também dando a oportunidade ao leitor de espalhar-se no "eu" da narrativa, realmente nas dimensões e implicaturas das vivências narradas.

2.2. Construção de sentidos e fidelidade

Em geral são discutidos dois tipos de perspectiva quando se trata da presença do tradutor em seus trabalhos: a tradicional e a contemporânea ou, como nomeada por Mittmann (2003), contestadora.

A perspectiva tradicional enxerga quaisquer sinais do tradutor em seu trabalho como fator que contribui para uma inferioridade no valor ou qualidade do texto redigido, sendo priorizadas a fluidez e transferência de palavras e ideias, de maneira exata, dentro do possível. Uma tradução que se pareça com uma obra “original” aos olhos do leitor, mas que mantenha as características estilísticas e visão do autor, uma abordagem “protetora” do texto de partida (ARROJO, 1993).

Contudo, essa sacralização do texto original e o conceito de fidelidade são facilmente contestados quando pensamos sobre os sentidos que são construídos pelos leitores de determinada obra, inclusive pelo tradutor que não deixa de ser um leitor.

As interpretações de cada texto sempre serão, inevitavelmente, formuladas e assimiladas de acordo com as circunstâncias que cercam tanto o autor ao redigir sua obra, quanto quaisquer leitores. Arrojo (1993, p.19) explica:

Aplicadas à tradução, essas conclusões necessariamente reformulam os conceitos tradicionais de texto "original" e de fidelidade. [...]. Se apenas podemos contar com interpretações de um determinado texto, leituras produzidas pela ideologia, pela localização temporal, geográfica e política de um leitor, por sua psicologia, por suas circunstâncias, toda tradução somente poderá ser fiel a essa produção.

Para além dos conceitos de fidelidade, temos a seguinte visão fundamentada por Berman (1992) e depois reelaborada por Venuti (2019): a partir do conceito de tradução ética baseado “na relação entre as culturas doméstica e estrangeira que está incorporada ao texto traduzido” (VENUTI, 2019; BERMAN, 1992), temos os processos tradutórios de domesticação e estrangeirização.

O processo de domesticação adapta uma obra para que ela se adeque aos valores, cultura e características literárias associados à língua de chegada. Por muitas vezes, isso remove várias, se não todas, das diferenças culturais e linguísticas que poderiam ser apontadas no texto de partida, efetivamente apagando sua identidade.

A tradução estrangeirizadora mantém, propositadamente, elementos distintos da língua de partida; vários aspectos culturais e marcantes que poderiam expor o leitor a contextos diferentes, fazê-lo reconhecer que, realmente, trata-se de uma tradução.

Venuti (2019) enxerga a sua preferência pela tradução estrangeirizadora como modo de manifestação política: uma luta contra a hegemonia das línguas europeias (especificamente do inglês) e sua dominância no campo literário, bem como seus aspectos culturais dominantes.

O processo tradutório estrangeirizador aplica-se nas sugestões de tradução dos recortes presentes neste artigo: trazendo a história brasileira, escolhendo manter certos termos e expressões e adicionando uma contextualização para determinados trechos, para que leitores da língua inglesa tenham contato com aspectos da cultura e linguística brasileiras.

O objetivo da tradução minorizante é “nunca conquistar a maioria”, nunca erguer um novo padrão ou estabelecer um novo cânone, mas, ao contrário, promover inovação cultural, assim como o entendimento da diferença cultural e ao fazer proliferar as variáveis dentro da língua inglesa: “a minoria é a adequação de todos” (DELEUZE; GUATTARI apud VENUTI, 2019, p.28).

2.3. Notas de rodapé como recurso paratextual

Solange Mittmann demonstra em sua obra *Notas do tradutor e processo tradutório* (2003) diversas ocasiões nas quais o uso de notas de rodapé é realizado para trazer soluções tradutórias ou então também explicar o porquê não há a possibilidade de uma solução completa para certas traduções.

[...] a crença na trilogia transparência-univocidade-regularidade da língua leva os adeptos da concepção tradicional (teóricos, tradutores, público leitor) a acreditarem na transparência entre as línguas, quer dizer, acredita-se que as diferenças podem ser resolvidas com o uso de uma gramática, um dicionário de expressões, de dicionários de áreas específicas etc. O que não pode ser resolvido, ou seja, o desvio da norma, costuma ir para a N.T. [nota tradutória]. (MITTMANN, 2003, p. 63.)

Um exemplo de Mittmann para o cenário acima é o uso de uma nota tradutória no livro *Os prêmios* (1983) de Julio Cortázar, adicionada pela tradutora Glória Rodriguez, apontando um jogo de palavras que é intraduzível e realizando uma tradução literal, de modo que se constrói um cacófono:

NOTA 2:

e Pérsio pôde balbuciar aqueles versos que presumo anônimos e espanhóis: “*Nadie con el tejo dió / Y yo con el tejo di*” *.

* “Ninguém com malha acertou / e eu com a malha acertei”. Há aí em espanhol, um jogo de palavras intraduzível, formando um cacófono. (CORTÁZAR, Júlio apud MITTMANN, 2003, p. 63)

Vale citar, ainda, Laura Tallone (2012), que aponta na sua discussão sobre recursos paratextuais:

A necessidade deste [recurso da nota do tradutor] e doutros recursos, nomeadamente notas introdutórias, mapas glossários e esclarecimentos histórico-sociais, torna-se especialmente evidente quando a obra traduzida deve ser recontextualizada para leitores que desconhecem a tradição cultural e literária do original [...] (TALLONE, 2012, p.79).

Baseando-se na descrição de Mittmann (2003) do conceito de tradução a partir dos teóricos contemporâneos como algo que, além de contrariar as perspectivas tradicionais e possuir especificidades distintas, “reivindica para o tradutor um novo status: de mero instrumento, sem direito à voz e acusado de traição, a sujeito atuante, produtor e responsável” (MITTMANN, 2003, p.16), é possível cogitar que o tradutor pode manifestar-se através de recursos paratextuais, não só contribuindo para determinada obra quando se trata de situações inusitadas como acima exemplificado, mas também com contextualizações adicionais de aspectos sócio-históricos e políticos através de uma estrangeirização intencional; por exemplo, de uma determinada língua para o inglês, desafiando sua hegemonia. (VENUTI, 2019).

2.4. A questão minorizante

Como visto anteriormente, é possível dizer que o gênero autobiográfico não deve ser analisado sem que haja um estudo sobre o conceito de identidade e comunidade, além de uma contextualização sociopolítica e histórica acerca do autor em si, da época na qual a obra foi criada, do local da narrativa, entre tantos outros elementos.

Viagem Solitária (2011) é uma obra que proporciona uma leitura fluida e descomplicada e poderia oferecer ao leitor estrangeiro um vislumbre do período da

ditadura militar brasileira, além de uma introspecção do que era, e é, ser trans no Brasil. Pensando uma tradução para a língua inglesa, seria necessário considerar tanto o contexto sociopolítico e histórico de Nery enquanto protagonista de suas memórias, quanto quais informações seus possíveis leitores teriam.

Além das informações básicas sobre o ano no qual ocorreu o golpe militar no Brasil e as consequências que o pai de Nery sofreu (um trecho é mostrado na terceira seção deste artigo), não há muito que realmente transpire as atuais memórias e consequências da ditadura militar brasileira que acometem nossa população, mesmo após reformulações da constituição e inúmeras investigações para trazer justiça àqueles que sofreram nas mãos dos militares.

Pelo lado da comunidade LGBTQIA+ brasileira, em específico na experiência de pessoas gênero não-conformistas, a concordância de gênero em nossa gramática continua sendo utilizada como meio de agressão para com a comunidade. A criação de pronomes e formas neutras de discurso ainda é pouco disseminada, expondo grande parte da população trans brasileira aos chamados *misgendering* e *dead naming* - o uso de pronomes e inflexões de gênero inapropriadas de acordo com a identidade da pessoa a quem se refere, e uso de seu nome de nascença, apesar de sua modificação em documentos oficiais ou uso de nome social distinto, respectivamente.

Nery descreve ser tratado no feminino diversas vezes em sua autobiografia e sofre com a insistência de alguns de seus amigos e familiares em desrespeitá-lo. Ele descreve suas emoções, angústia com a rejeição de pessoas que considerava próximas e compreensivas, e diversos confrontos. No entanto, mesmo com recordações detalhadas, leitores da língua inglesa não iriam compreender o impacto deste tratamento para além de pronomes em terceira pessoa. Nossa gramática tem concordância em nível de gênero, grau e número. Quaisquer adjetivos, substantivos e números no feminino seriam neutros na língua inglesa; portanto, não seria visível o quão extensa era a transfobia por parte de seus familiares e amigos, por exemplo.

Para leitores de obras estrangeiras que retratam experiências culturais muito específicas, identificar-se com o narrador e compreender melhor as circunstâncias que o adornam e o impacto de determinadas ações, palavras ou acontecimentos, é,

por vezes, complicado; principalmente no caso de a língua de partida não ser inglês, cujos falantes têm maior dominância política, sócio e historicamente.

A hegemonia da língua inglesa, para a qual menos se traduz e que mais é traduzida (VENUTI, 2019), dificulta a compreensão de culturas distintas, preservando sempre uma superioridade e tendência a realizar traduções de modo domesticador.

A estrangeirização, como discutida na seção anterior, destaca as diferenças culturais entre ambos os idiomas de partida e chegada, preservando características da primeira. Esse processo tradutório se alinha com as sugestões de tradução de *Viagem Solitária* (2011) elaboradas neste artigo, a chamada tradução minorizante:

O objetivo é, basicamente, alterar os padrões de leitura, forçando um não desprazeroso reconhecimento da tradução entre comunidades que, apesar de possuírem valores culturais diferentes, compartilham de uma antiga resistência em reconhecer isso. (VENUTI, 2019. p. 32)

Manter aspectos específicos da língua estrangeira em uma tradução para a língua inglesa não só pode incentivar o leitor a sair de sua imersão como falante de uma língua dominante, como também poderia apresentar aspectos e contextos distintos de outras culturas, permitindo ao leitor a possibilidade de enriquecer seu conhecimento e exercer sua empatia para com o narrador autobiográfico, compreendendo melhor sua história de vida.

Além da hegemonia da língua inglesa, existe também a questão de *Viagem Solitária* (2011) tratar sobre um homem brasileiro trans, durante o período da ditadura militar brasileira, e sua luta para finalmente viver como quem realmente era. A tradução se torna minorizante por abranger tantos aspectos identitários que normalmente não são amplamente discutidos: o autor era um trans-homem, brasileiro, cuja adolescência e parte da vida adulta passou durante um período completamente inédito na história do país, que trouxe uma onda imensa de violência para com a comunidade LGBTQIA+.

Por conta de tais aspectos, é difícil um possível leitor falante da língua inglesa compreender a complexidade e emoções entrelaçadas com o Golpe de 64. Também pode ser difícil para um leitor cisgênero apreciar a euforia de escutar seu próprio nome e pronomes corretos vindo de membros da família.

3. RECORTES E SUGESTÕES DE TRADUÇÃO

Primeiro recorte: termos derogatórios

<p>Uma das vezes em que mais me assustei foi em Copacabana, quando estava parado num sinal. Uma bicha passou voando na minha frente, fazendo mil trajetos para pegar o táxi. Abriu a porta dianteira e sentou-se, cruzando as pernas. Imediatamente coloquei o cinto de segurança, que, na época, não era obrigatório. Mas, nessas ocasiões, servia como um escudo, já que é comum elas meterem a mão no pau do motorista. (NERY, 2011, p. 25).</p>	<p>One of the scariest moments was in Copacabana, at a stoplight. A <i>bicha</i>¹ flew by, frantically working her² way through so she could reach the taxi. She opened the front door and sat down, crossing her legs. I fastened my seat belt immediately, though it wasn't mandatory then. It felt like a protective shield whenever something like that happened; since it wasn't unusual for them to just grab at a driver's dick.</p> <hr/> <p>1 <i>Bicha</i> is, in Brazilian Portuguese, a slur commonly used to demean and emasculate gay men. At the time this scene took place, <i>bicha</i> was used both in a derogatory manner and simply as a term to refer to gay men, as bigoted as it may sound currently. While the Brazilian LGBTQIA+ community has reclaimed this slur as of lately, a way for queer people to refer to themselves, it is still very much derogatory when said by a cisgender heterosexual person. A close translation would be "faggot".</p> <p>2 Through this anecdote, Nery refers to his passenger using female pronouns at all times. Similarly to <i>bicha</i>, some queer Brazilian male-aligned folks commonly use female pronouns to refer to themselves, while it is considered purposefully derogatory whenever said by a cisgender heterosexual person.</p>
---	--

Neste primeiro recorte, foi feita a decisão de manter o termo “bicha” em português brasileiro na tradução para a língua inglesa, já que é uma palavra de muito peso e que traz muito estigma consigo. No caso, há uma sugestão de tradução do termo para o inglês, numa tentativa de mostrar ao leitor o tipo de sentido que vem acoplado à palavra, já que a língua nativa melhor evoca as emoções relacionadas com a fala, enquanto ainda trazendo a questão do linguajar homofóbico brasileiro.

Segundo recorte: contextualização quanto à ditadura militar brasileira

<p>Foi nessa época que a vi chorar pela primeira vez. Tinha 14 anos quando senti um movimento estranho e triste dentro de casa. Todos tensos, falando a meia voz, apreensivos por notícias. Papai sumido, eu sem entender o que tinha acontecido.</p> <p>Era o golpe militar de 1964.</p> <p>— Seu pai asilou-se numa embaixada! A casa ficou de pernas para o ar. Foram três anos de exílio. Papai foi demitido, foram cassados os seus direitos políticos, e acabou exilado no Uruguai. Foi dado propositadamente como morto para mamãe receber apenas uma pensão de viúva. (NERY, 2011, p. 67, 68).</p>	<p>It was then that I saw her cry for the first time. I was 14 when I sensed an eerie, saddened atmosphere at home. Everyone was tense, speaking in hushed tones, while awaiting for news. Dad was gone and I didn't understand what had happened.</p> <p>It was the 1964 military coup.</p> <p>“Your father got asylum at an Embassy!”</p> <p>Our home was turned upside down. Dad spent three years in exile. He was fired, stripped from his political rights¹ and ended up exiled in Uruguay. He was purposefully declared deceased, so mom could get a measly widow's allowance.</p> <hr/> <p>¹ Nery's father, Paulo de Mello Bastos, was fired from his position at the Brazilian Air Forces, had his National Union of Aeronauts leadership annulled and political rights stripped through AI-1, the First Institutional Act declared during the Brazilian military dictatorship. The Act violently targeted those who rebelled against it. Bastos sought political asylum through the Uruguayan Embassy. See: <i>A caixa-preta do golpe de 64</i> (2006), his thorough memoir and recollections regarding the 1964 Brazilian coup d'état.</p>
--	---

Além de informar o leitor sobre o Ato Institucional n. 1, a nota de rodapé na tradução sugerida detalha um pouco da vida do pai de Nery. Nery tinha catorze anos na época e, no livro, comenta sobre a profissão do pai como piloto, mas não entra em detalhes. Tanto por expor seus feitos, como para despertar a curiosidade do leitor quanto à história da política brasileira, foi realizada a escolha tradutória de mencionar *A caixa preta do golpe de 64* (2006).

Terceiro recorte: concordância de gênero

— Deixa que pego a mala. Amanda não	“I'll take your bags. Is Amanda not
-------------------------------------	-------------------------------------

<p>veio?</p> <p>— Não. Ela não pode mais faltar ao trabalho.</p> <p>— Ainda não conhece a casa e deve estar morto de fome. Vamos até a cozinha que sua mãe está lá. Adorei ouvir aquele “morto de fome”. Pela primeira vez, papai me tratava no masculino. E, por incrível que pareça, até hoje não errou nem uma vez o meu nome. Mamãe é que, vez por outra, ainda me trata no feminino, e o velho sempre a cutuca com o pé por debaixo da mesa. (NERY, 2011, p. 232).</p>	<p>coming?”</p> <p>“No. She can’t miss work anymore.”</p> <p>“You haven’t seen the house yet and you must be starving. Let’s get to the kitchen, your mother’s there.”</p> <p>I loved hearing that: “starving”: <i>morto de fome</i>¹. That was the first time dad referred to me as male. And as amazing as it sounds, he hasn’t even once, to this day, gotten my name wrong. Mom is the one who, sometimes, still refers to me using feminine terms. The old man always pokes at her with his foot under the table.</p> <hr/> <p>¹ “<i>Morto de fome</i>” can be literally translated into “dead from hunger”. Brazilian Portuguese classifies nouns, articles, adjectives and numbers according to its gendered grammatical system. “Starving,” as Nery’s father said, was gendered true to Nery’s identity, since. “<i>morto</i>” — meaning “dead” — was used as an adjective in its masculine form.</p>
---	---

A concordância de gênero na gramática do português brasileiro foi uma das partes mais desafiadoras no processo tradutório, já que a língua inglesa não a utiliza. Usar a expressão “morto de fome” como um eco de “starving” pareceu manter o tom emocionante e significativo do momento narrado, tanto pela repetição reafirmar um gesto de aceitação, quanto pelo uso da língua materna carinhosamente.

4. CONCLUSÕES

Através de uma revisão bibliográfica, foram discutidos os tópicos do gênero autobiográfico e suas especificidades, relacionando-o com o recurso de notas de

rodapé e sua utilização por tradutores, além dos conceitos de domesticação e estrangeirização, considerando o papel do tradutor na atribuição de sentidos em sua interpretação de determinado texto de partida.

Tais tópicos foram considerados e suas teorias aplicadas sugerindo a tradução de três recortes selecionados do livro *Viagem Solitária* (2011) e elaborando notas de rodapé considerando o papel que poderiam assumir em cada trecho, auxiliando o leitor em uma compreensão melhor dos aspectos sócio-históricos e culturais do texto de partida, enquanto mantendo elementos linguísticos do português brasileiro.

É possível reconhecer que o tradutor, em seu processo, consegue realizar contribuições significativas ao texto de chegada, pensando na sua interpretação e recepção da mesma por determinado público-alvo, no caso de falantes da língua inglesa, através de processos estrangeirizadores.

Enfim, através da escolha do gênero literário autobiográfico, notamos o papel político que a tradução pode exercer por conta da relevância sócio-histórica e cultural em *Viagem Solitária* (2011) – tratando da ditadura militar – disseminando tanto os valores como os momentos históricos de povos e grupos que ainda sofrem com a repressão de suas histórias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea / Leonor Arfuch; tradução, Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARROJO, Rosemary. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BOHUNOVSKY. **A (im)possibilidade da 'invisibilidade' do tradutor e da sua 'fidelidade'**: por um diálogo entre a teoria e a prática. Cadernos de Tradução (UFSC), Florianópolis, SC, v. VIII, p. 51-62, 2001.

BRASIL. **Ato Institucional nº 1 de 9 de abril de 1964**. Dispõe sobre a manutenção da Constituição Federal de 1946 e as Constituições Estaduais e respectivas. Emendas, com as modificações introduzidas pelo Poder Constituinte originário da revolução Vitoriosa. Planalto, Brasília, 1964. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br//CCIVIL_03/AIT/ait-01-64.htm>. Acesso em 4 mar. 2023.

BASTOS, Paulo de Mello. **A caixa-preta do golpe de 64**: a república sindicalista que não houve. 2. ed. Rio de Janeiro: Família Bastos Ed., 2006.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa** - Tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v, 35, n.3, p. 20-29, 1995.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

MITTMANN, Solange. **Notas do tradutor e processo tradutório**: Análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira/Thomson, 2002.

NERY, João W. **Viagem solitária**: A trajetória pioneira de um transexual em busca de reconhecimento e liberdade. 2. ed. Rio de Janeiro: Leya, 2019.

TALLONE, Laura. **A nota de rodapé e a nota do tradutor**: Apontamentos à margem. *In*: SARMENTO, Clara. Entre Margens e Centros: Textos e Práticas das Novas Interculturas.1540. ed p. 79-85, Porto: Edições Afrontamento, 2013.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**: A history of translation. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1995.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. Tradução de Laureano Pelegrini, Lucinéia Marcelino Villela, Marleide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Revisão técnica de Stella Tagnin. São Paulo: Editora UNESP, 2019.